



02/12/2007

## 2ª Fase Exame Discursivo

LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA BRASILEIRA

### CADERNO DE PROVA

Este caderno, com doze páginas numeradas seqüencialmente, contém dez questões de Língua Portuguesa/Literatura Brasileira. Não abra o caderno antes de receber autorização.

### INSTRUÇÕES

1. Verifique se você recebeu mais dois cadernos de prova.
2. Verifique se seu nome, seu número de inscrição e seu número do documento de identidade estão corretos nas sobrecapas dos três cadernos.  
**Se houver algum erro, notifique o fiscal.**
3. Destaque, das sobrecapas, os comprovantes que têm seu nome e leve-os com você.
4. Ao receber autorização para abrir os cadernos, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas.  
**Se houver algum erro, notifique o fiscal.**
5. Todas as respostas deverão ser apresentadas nos espaços apropriados, com caneta azul ou preta.  
**Não serão consideradas as questões respondidas fora desses locais.**

### INFORMAÇÕES GERAIS

O tempo disponível para fazer as provas é de cinco horas. Nada mais poderá ser registrado após o término desse prazo.

Ao terminar, entregue **os três cadernos** ao fiscal.

Será eliminado do Vestibular Estadual 2008 o candidato que, durante as provas, utilizar máquinas ou relógios de calcular, aparelhos de reprodução de som ou imagem com ou sem fones de ouvido, telefones celulares ou fontes de consulta de qualquer espécie.

Será também eliminado o candidato que se ausentar da sala levando consigo qualquer material de prova.

**BOA PROVA!**





## texto I

## A lata de lixo

A lata de lixo, outrora sórdido caixote (salvo para os vira-latas), transformou-se hoje num elegante objeto de plástico, em geral azul, perfeita esfera. Embarcáramos até nessa astronave!

5 Manuel Bandeira viu certa vez um homem fuçando uma lata de lixo num pátio. Com esse material mínimo escreveu uma poesia muito admirada também num determinado setor das universidades de Roma e de Pisa. Roma! Os palácios vermelhos de  
10 Roma! Pisa! A lâmpada de Galileu! As romanas! As pisanas!

Não é fácil ver-se o lixeiro. Trata-se de um personagem kafkiano, quase marciano. Deixa-se a lata do lado de fora, e ele, pisando com pés de  
15 lâ, invisível aos olhos mortais, discreto, obediente, esvazia a esfera azul.

Só uma vez tive ocasião de encontrar um lixeiro, aqui em Roma, nas vésperas do Natal. Bateu à minha porta, subvestido (subnutrido?), sorridente,  
20 anunciando: Eu sou o lixeiro.

Respondo logo, também sorridente: Bom dia. Como se chama o senhor?

Não tolero ignorar os nomes daqueles com quem trato. A função adâmica<sup>1</sup> do poeta move-o a nomear  
25 as coisas e as pessoas. Não só atribuir um nome aos que

ainda não o têm, mas informar-se dos que já o têm. De resto um homem, antes de ser lixeiro, garçom ou motorista, é uma pessoa, quero saber seu nome.

Eu me chamo, e todos os outros me chamam, Murilo.  
30 Dum ponto de vista puramente eufônico<sup>2</sup> e visual preferiria chamar-me por exemplo Goya, Velázquez ou Zurbarán.

Malandro e hipócrita sou! Bem vejo que não se trata de um ponto de vista puramente eufônico e visual,  
35 trata-se de atenção à hierarquia dos valores: mesmo contrariando Ortega y Gasset, mesmo reconhecendo o interesse dum certo lado da obra de Murilo, o lado mais realista, não o situo no plano dos outros três pintores.

40 Vaidade das vaidades: Tudo é vaidade, até mesmo a de querer mudar de nome para se elevar, até mesmo a de embarcar numa astronave, percorrer o cosmo que um dia próximo ou remoto, não sei, será despejado como lixo; e um mundo novo se levantará sobre  
45 latas, máquinas de plástico ou não, sobre as ruínas dos textos, as ruínas das ruínas: o novo céu, a nova terra, previstos e anunciados pelo transformador e reformador de todas as coisas visíveis e invisíveis, o Ser dialético<sup>3</sup> por excelência.

MURILO MENDES

*Poesia completa e prosa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Vocabulário:

<sup>1</sup>adâmica – relativo a Adão, primeiro homem, segundo a Bíblia

<sup>2</sup>eufônico – de som agradável

<sup>3</sup>dialético – em que convivem os contrários

## questão 01

De modo geral, a crônica apresenta uma linguagem simples e despretensiosa, próxima da conversa de todo dia. Murilo Mendes, porém, elabora a sua crônica com recursos expressivos comumente associados à função estética da linguagem.

Observe o trecho abaixo, no qual estão sublinhados dois desses recursos.

*Não é fácil ver-se o lixeiro. Trata-se de um personagem kafkiano, quase marciano. Deixa-se a lata do lado de fora, e ele, pisando com pés de lã, invisível aos olhos mortais, discreto, obediente, esvazia a esfera azul. (l. 12-16)*

Nomeie cada recurso e caracterize seu valor expressivo.

---

---

---

---

---

---

---

---

## questão 02

Há no primeiro parágrafo expressões de variado valor conotativo referentes a um mesmo tópico.

Relacione essas expressões e identifique de que modo o autor estabelece, no texto, um contraste radical entre duas delas.

---

---

---

---

---

---

---

---

## questão 03

Considere a seguinte passagem:

*mesmo contrariando Ortega y Gasset, mesmo reconhecendo o interesse dum certo lado da obra de Murilo, o lado mais realista, não o situo no plano dos outros três pintores. (l. 35-39)*

Classifique as orações reduzidas quanto à circunstância adverbial que expressam. Em seguida, preservando esse sentido, reescreva as orações com tempo e modo adequados, coordenando-as por meio de uma conjunção aditiva.

---

---

---

---

---

---

---

---

## texto II

## O bicho

Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,  
5 Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,  
Não era um gato,  
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

MANUEL BANDEIRA

*Estrela da vida inteira.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

## questão 04

*Não examinava nem cheirava:*

*(....)*

*O bicho não era um cão,*

*Não era um gato,*

*Não era um rato.*

O conjunto de versos acima remete a dois conteúdos subentendidos, correspondentes a conhecimentos, crenças ou valores do senso comum.

Explicitite esses dois conteúdos.

---

---

---

---

---

---

---

## questão 05

Os textos I e II tomam como ponto de partida, respectivamente, um objeto e uma cena do cotidiano. Apesar desse ponto de partida semelhante, os dois textos desenvolvem avaliações distintas acerca da condição do homem.

Explique essa diversidade de avaliações e transcreva, de cada um dos textos, a passagem que a comprova.

---

---

---

---

---

---

---

## texto III

## Maria Cora

Uma noite, voltando para casa, trazia tanto sono que não dei corda ao relógio. Pode ser também que a vista de uma senhora que encontrei em casa do comendador T. contribuisse para aquele esquecimento; mas estas duas razões destroem-se. Cogitação tira o sono e o sono impede a cogitação; só uma das causas devia ser verdadeira. Ponhamos que nenhuma, e fiquemos no principal, que é o relógio parado, de manhã, quando me levantei, ouvindo dez horas no relógio da casa.

Morava então (1893) em uma casa de pensão no Catete. Já por esse tempo este gênero de residência florescia no Rio de Janeiro. Aquela era pequena e tranqüila. Os quatrocentos contos de réis permitiam-me casa exclusiva e própria; mas, em primeiro lugar, já eu ali residia quando os adquiri, por jogo de praça; em segundo lugar, era um solteirão de quarenta anos, tão afeito à vida de hospedaria que me seria impossível morar só. Casar não era menos impossível. Não é que me faltassem noivas. Desde os fins de 1891 mais de uma dama, – e não das menos belas, – olhou para mim com olhos brandos e amigos. Uma das filhas do comendador tratava-me com particular atenção. A nenhuma dei corda; o celibato era a minha alma, a minha vocação, o meu costume, a minha única ventura. Amaria de empreitada e por desfastio<sup>1</sup>. Uma ou duas aventuras por ano bastavam a um coração meio inclinado ao ocaso e à noite.

Talvez por isso dei alguma atenção à senhora que vi em casa do comendador, na véspera. Era uma criatura morena, robusta, vinte e oito a trinta anos,

vestida de escuro; entrou às dez horas, acompanhada de uma tia velha. A recepção que lhe fizeram foi mais cerimoniosa que as outras; era a primeira vez que ali ia. Eu era a terceira. Perguntei se era viúva.

– Não; é casada.

– Com quem?

– Com um estancieiro do Rio Grande.

– Chama-se?

– Ele? Fonseca, ela Maria Cora.

– O marido não veio com ela?

– Está no Rio Grande.

Não soube mais nada; mas a figura da dama interessou-me pelas graças físicas, que eram o oposto do que poderiam sonhar poetas românticos e artistas seráficos<sup>2</sup>. Conversei com ela alguns minutos, sobre cousas indiferentes, – mas suficientes para escutar-lhe a voz, que era musical, e saber que tinha opiniões republicanas. Vexou<sup>3</sup>-me confessar que não as professava de espécie alguma; declarei-me vagamente pelo futuro do país. Quando ela falava, tinha um modo de umedecer os beiços, não sei se casual, mas gracioso e picante. Creio que, vistas assim ao pé, as feições não eram tão corretas como pareciam a distância, mas eram mais suas, mais originais.

MACHADO DE ASSIS

*Relíquias de casa velha*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1990.

Vocabulário:

<sup>1</sup>desfastio – apetite, desejo

<sup>2</sup>seráficos – místicos

<sup>3</sup>vexou – envergonhou

## questão 06

Embora inserido, sob o ponto de vista cronológico, no período do Realismo-Naturalismo, o texto III, de Machado de Assis, não adota integralmente as técnicas e procedimentos formais característicos dessa corrente literária.

Observe as expressões destacadas no primeiro parágrafo do texto:

*Uma noite, voltando para casa, trazia tanto sono que não dei corda ao relógio. Pode ser também que a vista de uma senhora que encontrei em casa do comendador T. contribuísse para aquele esquecimento; mas estas duas razões destroem-se. Cogitação tira o sono e o sono impede a cogitação; só uma das causas devia ser verdadeira. Ponhamos que nenhuma, e fiqamos no principal, que é o relógio parado, de manhã, quando me levantei, ouvindo dez horas no relógio da casa. (l. 1-10)*

Considerando os termos destacados, identifique o recurso narrativo que afasta o fragmento acima da estética realista-naturalista. Explique também por que esse recurso não condiz com tal corrente.

---

---

---

---

---

---

---

---

## questão 07

Observe as formas sublinhadas em:

*Morava então (1893) em uma casa de pensão no Catete. Já por esse tempo este gênero de residência florescia no Rio de Janeiro. Aquela era pequena e tranqüila. (l. 11-14)*

ESSE, ESTE e AQUELA são formas empregadas como recursos de coesão textual.

Indique a classe gramatical a que pertencem essas palavras e justifique a escolha de cada uma no trecho de acordo com a respectiva função textual.

---

---

---

---

---

---

---

---

## questão 08

O narrador atribui a Maria Cora traços que a opõem à típica heroína do Romantismo.

Aponte dois desses traços – um físico e um intelectual – e justifique por que eles não são característicos do perfil feminino romântico.

---



---



---



---



---



---



---

### texto IV

## Na minha terra

Amo o vento da noite sussurrante  
 A tremer nos pinheiros  
 E a cantiga do pobre caminhante  
 No rancho dos tropeiros;

5 E os monótonos sons de uma viola  
 No tardio verão,  
 E a estrada que além se desenrola  
 No véu da escuridão;

10 A restinga d'areia onde rebenta  
 O oceano a bramir<sup>1</sup>,  
 Onde a lua na praia macilenta<sup>2</sup>  
 Vem pálida luzir;

15 E a névoa e flores e o doce ar cheiroso  
 Do amanhecer na serra,  
 E o céu azul e o manto nebuloso  
 Do céu de minha terra;

E o longo vale de florinhas cheio  
 E a névoa que desceu,  
 Como véu de donzela em branco seio,  
 As estrelas do céu.

Vocabulário:

<sup>1</sup>bramir – produzir estrondo

<sup>2</sup>macilenta – sem brilho ou viço

ÁLVARES DE AZEVEDO

*Obra completa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

## questão 09

O texto IV, de Álvares de Azevedo, evidencia o tratamento concedido à natureza pelos poetas do Romantismo. Identifique dois traços que caracterizam esse tratamento e cite um exemplo do texto para cada um deles.

---

---

---

---

---

---

---

---

## questão 10

Em *E o longo vale de florinhas cheio* (v. 17) temos uma forma diminutiva no plural. Este plural pode ser expresso por outras duas formas.

Indique-as e caracterize a diferença entre as três de acordo com a variedade de usos da língua.

---

---

---

---

---

---

---

---

Rascunho

